

A EXISTÊNCIA DO NEGRO E A LINGUAGEM

Edinan Damasceno Carvalho

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

(damascenoedinan@outlook.com)

Joabson Lima Figueiredo

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

(jfigueiredo@uneb.br)

Resumo

Este estudo aborda a enunciação do negro sob uma perspectiva existencialista, destacando-a como um ato político que visa desafiar as forças de sub-humanização e morte que sistematicamente afetam os corpos negros, negando-lhes dignidade. A linguagem é vista como uma ferramenta crucial para pensar, resistir e desnaturalizar a violência do Estado burguês antinegro. Nosso objetivo central é compreender como a linguagem contribui para a construção da identidade negra, ao mesmo tempo em que os sujeitos negros a modificam para circulá-la por diferentes correntes. Este estudo baseia-se na noção de humanidade presente em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon (2020), e incorpora questionamentos existenciais fanonianos, juntamente com análises de poemas de *Pesado Demais para a Ventania* (2018), de Ricardo Aleixo.

Palavras-chave: Fanonismo contemporâneos; Violência antinegro; Racialização; Linguagem; Enunciação do negro.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

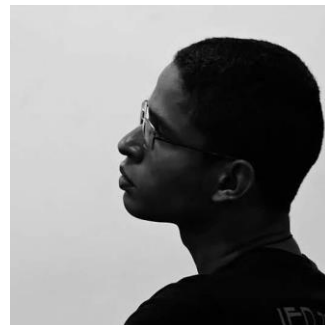
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Edinan Damasceno Carvalho

Graduado em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura (2022) pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus XVI Irecê. Pesquisador do grupo de pesquisa Aláfia (CNPq). Desenvolve estudos em da área literatura negra e crítica contemporânea, com ênfase nas articulações entre estudos literários e racismo linguístico.



lattes.cnpq.br/7136081849457289

Joabson Lima Figueiredo

Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Docente Permanente do PPGEAFIN – UNEB. Líder do Grupo de Pesquisa Aláfia – UNEB. Docente da EaD/UNEB. Coordenador do programa de mestrado PPGEAFIN. Coordenador do projeto PIBID/Irecê. Graduado em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura (2022) pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus XVI Irecê. Pesquisador do grupo de pesquisa Aláfia (CNPq). Desenvolve estudos em literatura negra e crítica contemporânea, com ênfase nas articulações entre estudos literários e racismo linguístico.



lattes.cnpq.br/6093546030106258

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

A EXISTÊNCIA DO NEGRO E A LINGUAGEM

Edinan Damasceno Carvalho

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

(damascenoedinan@outlook.com)

Joabson Lima Figueiredo

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

(jfigueiredo@uneb.br)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem, de acordo com Lisbôa (2022), atua como uma lacuna que perpassa os mais diversos domínios dos saberes necessários para a circulação de sujeitos negros no Brasil, território imerso em práticas hegemônicas de linguagem e relações de poder que percorrem a materialização da colonialidade. Dessa maneira, a principal linha de força para a reprodução das relações de dominação é a língua/linguagem, ou seja, compreende-se a linguagem como força capaz de atravessar e estruturar sujeitos¹.

A linguagem é a instância em que emergem mundo e homem ao mesmo tempo. E aprender a falar é aprender a dizer o mundo, dizê-lo com os outros, a partir da experiência de *habitante da terra*, uma experiência acumulada através dos séculos. [...] a análise da língua desemboca sobre esse outro registro hermenêutico que faz surgir o *mundo como horizonte da palavra*. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 30, grifo dos autores)

Por esse caminho, ao se empreender uma análise sobre as estruturas de poder que se alicerçam, a princípio, em torno da língua/linguagem, é preciso estar atento aos

¹ Ao deparar-me com as discussões levantadas por Flávia Lisbôa (2022, p. 27), sou direcionado à percepção da existência de “várias lacunas no plano da expressividade, seja quanto a conceitos epistemologicamente coerentes à compreensão do problema que envolve os sujeitos [...] seja pelos engessamentos coloniais da língua portuguesa”. Nesse sentido, no que tange, especificamente, aos engessamentos coloniais da língua, faz-se pertinente confrontar a “expressão de gênero na norma padrão da língua portuguesa quanto às (não) flexões que evidenciam a subordinação colonial, logo também patriarcal” (LISBÔA, 2022, p. 27). Por essa razão, desenvolvo o exercício proposto por Lisbôa para marcar a colonialidade e patriarcalismo presente em nossa língua. Desse modo, o termo “sujeito(s)” necessita ser evidenciado para tensionar a maneira como generalizações são grafadas unicamente no gênero masculino. Além disso, realizo o mesmo processo com “homem/homens” quando enunciado como sinônimo de humano. Opto por isso, motivado pela urgência de encontrar/produzir novas terminologias.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

[...] processos sociohistóricos e discursivos que tornam o código linguístico instrumento de exclusão numa sociedade movida pelo dispositivo colonial, sustentando-o e sendo a língua padrão sustentada por ele, numa via de mão dupla. Ou seja, a língua reforça o dispositivo colonial e como resultado disso a língua também recebe de volta reforços – como a legitimação social, por exemplo – para materializar os preceitos coloniais nas práticas sociais. (LISBÔA, 2022, p. 172)

Nessa toada, as materializações coloniais na língua estabelecem apagamentos que limitam o acesso e os exercícios de direitos básicos para a humanidade e para uma espantosa contingência que condena o negro a uma contradição viva da qual não há escape aparente. Por essa razão, é possível dizer que, mesmo com políticas públicas que almejam garantir e assegurar a igualdade racial, o homem negro, na contemporaneidade e a partir das condições de existência no Brasil, se encontra livre em um mundo cercado por espaços brancos, assim como cada uma das letras deste texto estão.

Segundo Grada Kilomba (2019, p. 14),

[...] a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é o que pode representar a verdadeira condição humana.

Em concordância com Fanon (2020), que articula uma leitura de que a linguagem é uma forma de elaboração mental, ou seja, uma maneira de pensar, haja vista que se compreende a linguagem como um modo de assumir uma cultura e, por essa razão, falar se configura como conceber uma maneira de ser e estar no mundo. Nesse cenário, eu – preto e pobre -, ao entrar na universidade, questioneei toda a forma de me comportar neste espaço, minha maneira de falar, de vestir, de pensar, de ouvir e de elaborar sentenças, minhas referências e meu esquema corporal.

Há a necessidade de pontuar que correções, que mais tendem para silenciamentos, surgem com uma frequência absurda. Não há o exercício pleno do entendimento de que nós negros, em geral, somos historicamente

[...] impedidos de acessar esse código pela educação formal nas escolas públicas brasileiras, o que torna lógica a precarização do ensino de língua e da educação como um todo como mecanismo de dominação/segregação, por um lado, e manutenção de espaços de prestígio à parcela privilegiada da sociedade. (LISBÔA, 2012, p. 173)

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Isso é, nas margens em que estamos sendo assujeitados, condenados a estarmos afundados em um conjunto de situações que tendem para o silenciamento de nossas vozes, emergem para o centro possibilidades de nos fazermos sujeitos de nossas histórias, a partir de questionamentos profundos em relação às bases coloniais, movimento esse que nos oferece a possibilidade de abrir brechas para a produção de outros saberes.

Para tamanho, a luta pelo reconhecimento, pela escuta de nossas vozes, combate e superação de necessidades, se dá através da linguagem de confrontos pelo exercício pleno de nossa humanidade. De acordo com Fanon (2020), na linguagem encontramos a possibilidade de reconhecimento.

Nessa perspectiva, neste ensaio, para além de discutir a relação do negro com a linguagem, abordo um viés em que o homem negro não é apenas negação, é também afirmação, é um sim vibrando (FANON, 2020). Pois, se “a desgraça do homem de cor é ter sido escravizado. A desgraça e a desumanidade do branco consistem em ter matado o homem em algum lugar” (FANON, 2020, p. 190).

O *homem*, para Fanon (2020, p. 184), é

Sim e não. Dissemos, na nossa introdução, que o homem é sim. Não cessaremos de repeti-lo. Sim à vida. Sim ao amor. Sim à generosidade. Mas o homem também é não. Não ao desprezo do homem. Não à indignidade do homem. À exploração do homem. Ao assassinato daquilo o que há de mais humano no homem: a liberdade.

Nesse caminho, ao me deparar com essa compreensão sobre o que o *homem* é, antes de qual tipo de essência que precede a existência, surge uma questão: se a pretensa humanidade do outro – do branco – consiste em ter matado em mim, se não totalmente, parcialmente a humanidade e, se, de acordo com Fanon (2020), a liberdade é o que há de mais humano no homem, posso assentar uma análise que está centrada em um problema sobre o ponto de início da negação ser uma possibilidade de reestruturação? Além disso, essa reestruturação, assim como a negação, se dará, primeiro, através da palavra?

O poema de Aleixo, *Lema* (2013, p. 109), apresenta uma máxima, “tem que ser humano para ter palavra. Tem que ter palavra para ser humano”. Desse modo, o que impossibilita e possibilita a descida aos infernos da existência é, primeiramente, o acesso à palavra? Fanon (2020, p. 26) reconhece que há uma zona em que o negro está mergulhado no nada, em uma região “extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer”.

No entanto, a maioria de nós, como já pontuado, não é capaz de trilhar esse

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

caminho de angústia, liberdade, escolha e responsabilidade individual e universal, e como o teórico diz: essa “descida aos verdadeiros infernos” (FANON, 2020, p. 11) demanda condições para a sua realização, e a primeira é uma tomada das realidades sociais. Há, então, a partir disso, a possibilidade de explorar o modo como o labutar com as palavras capacita o homem negro a um processo que o agencia a parir a história.

Como anuncia Fanon (2020, p. 31), “conferimos importância fundamental ao fenômeno da linguagem”, haja vista que nos fornece “um dos elementos de compreensão da dimensão *para-outrem* do homem de cor, tendo em mente que falar é existir absolutamente para o outro”. Esse campo, entre o eu e o outro, está rompido pelo racismo colonial e, contemporaneamente, pela colonialidade. É necessário salientar que, nessa dimensão, assim como as outras abstrações de nossa realidade, é conferida ao negro uma *alma negra*, uma essência negra, que tende a preceder a existência.

O fator que enfrento, neste texto, é o seguinte: ao possuir a linguagem, possuímos a realidade, na qual a linguagem transita e realiza trânsitos, ou seja, possuir a língua portuguesa, por conseguinte, é ser afetado pelas estruturas das relações de poder e suas dinâmicas. Para tanto, empreendo um esforço dialético no qual procuro segurar a mão de Aleixo e Fanon e caminhar com eles.

É pertinente pensarmos o cenário da poesia brasileira contemporânea como um lugar de travessias, ou seja, de vozes e temas que se efetivam a partir da exposição de suas fraturas. [...] Para tanto, acionam o diálogo entre diferentes referências culturais, o que lhes permite realizar o poema como um lugar de fronteiras: aí, nesse limite que pede para ser ultrapassado pela ousadia experimental do poeta. [...] em outros termos, é nessa arena onde a linguagem é estruturada e transformada que os conflitos e as negociações entre os grupos são decifrados e encobertos, tramados e desfeitos. (PEREIRA, 2010, pp. 331-332)

Assim, apoiado no que está registrado no sétimo capítulo de *Pele Negra, Máscaras Brancas*, busco compreender a dimensão conflituosa desse ser-para-outro ao analisar a maneira como apenas nos fazemos humanos na medida em que nos impomos a uma outra pessoa com a necessidade de sermos reconhecidos. Queremos ser reconhecidos e, para isso, precisamos reconhecer o outro que também deseja reconhecimento.

A humanidade, nessa perspectiva, depende do olhar do outro. Tal como argumenta Sartre (2011, p. 307), “assim, a intuição genial de Hegel é a de fazer-me dependente do outro em meu ser. Eu sou – diz ele – um ser para-si que só é para-si por meio do outro. Portanto, o outro me penetra em meu âmago. Não poderia colocá-lo em dúvida sem duvidar de mim

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

mesmo”.

Assim, a base da vida é negada ao negro. Este *sujeito* negado enquanto *homem* por ser pouco *homem* “pelas adversidades coloniais” (FAUSTINO, 2020, p. 26), agora, com o olhar branco sobre si, encontra dificuldades na apropriação de seu corpo, em sua elaboração. Ao chegar no mundo branco, eis o que escutamos: “preto sujo!”. Ou simplesmente: “olhe, um preto!” (FANON, 2020, p. 103).

Veja o que tem a dizer Mbembe (2014, p. 256) sobre esse nome, essa palavra, essa marca:

Negro é, antes de mais, uma palavra. Uma palavra remete sempre para qualquer coisa. Mas a palavra tem também uma espessura e densidade própria. Uma palavra existe para evocar alguma coisa na consciência daquele a quem é endereçada ou que a ouve. Quanto mais densidade e espessura tem, mais a palavra provoca uma sensação, um sentimento e até um ressentimento a quem se destina. Existem palavras que magoam. A capacidade de as palavras ferirem faz parte do próprio peso. Negro é suposto ser, e sobretudo isso, um nome. Aparentemente cada nome carrega um destino, uma condição mais ou menos genérica. Negro é, portanto, o nome que me foi dado por alguém. Não o escolhi originalmente, herdo este nome pela posição que ocupo no mundo. Aquele que está marcado com nome negro não se deixa enganar por esta providência externa.

Nessa toada, em torno dessa palavra, Fanon desenvolve um entendimento de que para o negro são agenciadas duas formas de reconhecimento: a humana e a natural. Dessa maneira, o natural diz respeito a um reconhecimento e os efeitos da objetificação, na qual não é possível encontrar diferenças entre um *sujeito* negro e um objeto qualquer, um indivíduo fechado e encerrado em si mesmo. Como foi dito pelo teórico, “minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos” (FANON, 2020, p. 103).

No caso do sujeito negro, este preto do qual fala Fanon, está construído para além de uma realidade biológica ou da simplista referência à cor da pele do sujeito para enclausurá-lo em condições de vida predeterminadas, mas diz respeito a uma forma histórica da condição humana. Isto posto, não há uma essência que possibilite afirmar que o “ser negro” é uma condição originária dos *sujeitos* de cor negra. É isso que exploro aqui.

Nesse viés, referente a análise de Fanon, manifesta-se uma ação unilateral dentro de uma lógica formal: o branco teve - desde os inícios - e tem sua realidade humana reconhecida pelo negro, mas o preto não teve sua dimensão humana reconhecida pelo branco,

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

que reconheceu do preto apenas a sua realidade natural, um objeto em meio a outros objetos, como aponta Fanon.

Só há o reconhecimento de humanidade quando uma consciência se impõe a outra consciência a fim de ser reconhecida como tal. Dessa forma, só terei minha humanidade reconhecida a partir da minha relação com o outro e na medida que exijo o seu reconhecimento de mim; a fim de, também, por meio deste mesmo querer, esse outro sujeito me exigir o reconhecimento de sua humanidade. Pois, segundo Fanon (2020, p. 183) “é na medida em que ultrapasso meu ser imediato que apreendo o ser do outro como realidade natural”.

O teórico supramencionado refere-se ao reconhecimento humano como uma realidade para além do aqui-agora encerrado em-si mesmo, que é como ocorre na fase do reconhecimento natural, a qual tem a ver com uma realidade para-si, para além da coisa e em direção a outra coisa que não a si mesmo: “enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador [...] me devolveu uma leveza que eu pensava perdida, extraíndo-me do mundo, me entregou ao mundo” (FANON, 2020, p. 103). Em suma, para que haja reconhecimento da condição humana e não uma condição natural, isso é, reconhecimentos recíprocos, é preciso que essa relação se dê de maneira dialética.

Para tamanho, há uma demanda de uma operação bilateral, havendo o reconhecimento mútuo do eu e do outro conquistado por meio da imposição de ambas consciências. Assim: “na medida em que luto pelo nascimento de um mundo humano”, no qual não haja mais senhores e nem escravos, pretos ou brancos, colonizados e colonizadores (FANON, 2020, p. 181). Se o movimento não for realizado nos dois sentidos, mantenho o outro preso no interior de si e “indo às últimas consequências, chego mesmo a lhe tomar este ser-para-si” (FANON, 2020, p. 180).

O pensador nomeia como “círculo infernal” esse enclausuramento de minha consciência a nível natural “me reenvia a mim mesmo”, repetidas vezes, e impossibilita a concretização humana. Para Fanon (2020, p. 181), a única forma de romper com círculo é “restituir ao outro através da mediação e do reconhecimento, sua realidade humana diferente do natural”. Em outros termos, é pelo reconhecimento mútuo e dialético que deve ocorrer tal fenômeno, todavia, não é o que acontece no território brasileiro.

Além disso, uma observação necessária para esta reflexão é que esse passado colonial - não muito distante - materializa-se também no nosso presente (MARX; ENGELS, 1998, p. 47), que pode ser chamado de neocolonial (FANON, 1968). Nesse sentido, não posso cair em ilusões de que esse tempo do qual estudou Fanon é distante, tanto temporal quanto geograficamente, para que a barbárie que nos fundou tenha sido superada pelo chamado

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

curso natural da história, como costumam dizer aqueles que justificam os erros cometidos pela humanidade com base numa pretensa civilização (CÉSAIRE, 2010).

O negro, então, como disse nas primeiras páginas deste estudo, é alvo de um conjunto de processos que o transformam em o nada do branco. Em uma perspectiva sartriana, esse debate precisa ser entendido como negação do ser e, por isso, o seu ser é um não-ser em relação ao ser. O nada, portanto, de acordo com Sartre (2011), persegue o ser.

Segundo Fanon (2020, p. 183), o negro por ser o nada do Branco, acaba em um contexto em que quer ser como o branco, reconhecido como humano, e o branco o reconhece como negro, enclausurando-o em sua negrura, em uma essência:

O branco como senhor diz ao preto: 'A partir de agora você é livre'. Mas o preto ignora o preço da liberdade, pois ele não lutou por ela. De tempos em tempos ele luta pela Liberdade e pela Justiça, mas se trata sempre de liberdade branca e de justiça branca, de valores secretados pelos senhores. O antigo escravo, que não encontra na sua memória nem a luta pela liberdade nem a ânsia da liberdade de que fala Kierkegaard, fica com a garganta seca diante do jovem branco que brinca e canta na corda bamba da existência.

Assim, o nada - o preto -, por ser negação, precisa ser o nada de alguma coisa, neste caso, o branco. Essa zona do não-ser precisa ser compreendida como um relato de visão sobre a consciência em nível ontológico. Em uma perspectiva fanoniana, esse nível ontológico da consciência, fundamentalmente um nada de ser, que busca pelo em-si a ponto de se conceber como não-ser-do-ser, é o que Sartre chama de para-si. Para que o para-si, ou a consciência humana, seja a negação do ser, o nada torna-se a sua essência. Ou seja, o negro é produzido pelo branco para ser apenas essência.

Por adotar uma perspectiva fanoniana, não há a possibilidade de se pensar o sujeito negro se não pensar o branco, haja vista que, de maneira histórica, só há um negro porque houve um branco para assim nomeá-lo. Conforme explica Mbembe (2014), fora dessa relação dialética não há negro, nem branco, nem vice-versa.

Digo isso porque o negro foi envolvido e fechado em sua negrura por um branco que sentiu a necessidade de envolver-se e fechar-se em sua brancura dissimulada de humanidade. Contudo, nessa dimensão para-o-outro que a linguagem assume, há a necessidade de que haja o reconhecimento mútuo, o branco, como disse há pouco, "está fechado na sua brancura", no entanto, quem foi morto em alguma região de seu ser, não foi o branco, foi o *sujeito* negro, este primeiro foi responsável pela morte do *homem* em algum lugar (FANON, 2020, p. 27) e continua matando. Aparentemente, o ressurgimento da humanidade

Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

não virá de quem semeia a morte.

Segundo Sartre (2011), a essência do em-si é a sua função. Nesse sentido, o negro é produzido como um ser (essência) e tem a si atrelada uma funcionalidade que para ele foi definida. Nessa conjuntura, esse fenômeno da essência preceder a existência consiste em uma morte.

Como é analisado por Fanon (2020, p. 108),

Como negro, minha liberdade foi dilacerada, e eu já não poderia mais me escolher e projetar-me no mundo, pois eu já havia sido escolhido, meu destino na terra já havia sido eleito, eu havia sido condenado e não era condenado à liberdade. Nesse mundo em que o meu outro é branco, eu – se é que restou alguma parte inteira de mim – ‘não sou escravo da ideia “que os outros fazem de mim, mas da minha aparição’.

Nesse ínterim, como argumentou Sartre (2011), a liberdade é uma condição originária do humano, algo inerente ao ser, e esse sujeito só pode fazer algo de si porque é livre, o negro, mesmo que sozinho consiga aliviar-se do peso das correntes materiais, não deixa de ser negro. Reitero que o negro está fechado, e o branco o trancou em sua espessa negrura e, da mesma maneira, fechou-se em sua brancura e, sem cadeado, a nomeou humanidade, liberdade, universalidade.

Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera de incertezas. (FANON, 2020, p. 103)

Assim, no Brasil, através dos processos civilizatórios da modernidade burguesa europeia, que moldaram a subjetividade do sujeito negro, de diferentes maneiras, o negro é agenciado nessa negridão sem fim e sem volta, fixado por olhares que por vezes não o permitem saída, olhares que o condenam. Fanon (2020, p. 109) argumenta que: “a evidência estava lá, implacável. Minha negrura era densa e indiscutível. Ela me atormentava, me perseguia, me perturbava, me exasperava”. Em síntese, a cor da pele, de fato, pelo julgo do outro, materializa a pessoa negra, ou seja, por meio do sentido atribuído ao tom da pele o negro tem a sua essência *a priori*.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Por essa razão, para traçar possibilidades de transcender essas condições adversas, o negro, ao invés de um esquema corporal, elabora um esquema epidérmico-racial. Os pedaços de um eu que já não mais conhece a si por meio de seu corpo em terceira pessoa, mas, como diz Fanon (2020), em tripla pessoa. Pois, após ser atacado em diversos pontos, é despedaçado, quase destroçado, partido em pedaços, até que explode, tal como explodiu Fanon.

Nessa perspectiva, para Fanon, o negro tem em mãos a possibilidade de fugir da realidade objetiva de sua cor, todavia, a realidade objetiva de nossa cor está situada em uma dimensão discriminatória. Em outros termos, um cenário do qual não conseguimos transpor, talvez porque não é o momento de nossa explosão acontecer ou porque esse tempo já tenha passado. Dessa maneira, não há rotas de fuga desse olhar em uma dimensão antropológica: da experiência concreta e da violência, quando a partir da invasão, o negro se descobre não só um negro (noir), mas um negro (nègre).

Sobre esse fenômeno Faustino (2018, p. 35) explica:

Na língua francesa, o termo noir era utilizado para designar a cor preta enquanto o termo nègre era utilizado para classificar pejorativamente as pessoas de pele escura. Assim, num primeiro momento, havia uma opção, considerada politicamente correta, pelo primeiro termo (noir), quando se objetivava designar a cor das pessoas 'negras', em detrimento do segundo (nègre), que poderia soar ofensivo. Entretanto, esses significados passaram a ser alvo de disputa com o advento do movimento de Negritude – ou Nègritude, na grafia original francesa -, que começou a louvar este 'estigma', atribuindo à condição de mais sagrada das 'marcas' que alguém poderia portar.

Nesse sentido, como é dito por Fanon (2020), a desgraça da pessoa negra consiste em ter sido escravizada, colonizada, assujeitada pelo *sujeito* que inventou-se branco; a desgraça do *homem* de cor branca – ou, talvez, por conta de como se desenvolve a sua racialização para a universalidade, o homem sem cor - consiste em ter “matado o homem em algum lugar” (FANON, 2020, p. 190). Esse infeliz que sofreu e sofre por ter sido colonizado corresponde a “todo aquele povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural” (FANON, 2020, p. 34).

O negro, então, atravessa esse sepultamento com sua religião demonizada no Brasil, sua religiosidade é pagã, seus deuses são demônios, suas músicas, sua história, sua ciência são alocadas em um espaço subjugado, seu corpo é pecado. Hegemonicamente, o negro não carrega em si uma história para além da escravidão: é negro, foi escravo, nada mais há para falar desse *sujeito*.

Dito isso, em um caminho próximo ao existencialismo sartriano, Fanon (2020, p.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

25), na introdução de seu primeiro texto acadêmico, vê essa zona de nadificação na qual o negro está imerso, ou, como chamou, zona do não-ser: “há uma zona de não-ser; uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer”.

Para o teórico, esse espaço, além de ganhar contornos negativos - num sentido de ser ruim para o ser do humano - na ontologia sartriana, é capaz de atuar como base para a humanidade tornar-se alguma coisa. Essa zona do não-ser é o que possibilita não só o ressurgimento, bem como o surgimento da liberdade humana, pois é somente pelo nada que o ser do homem vem e se estabelece no mundo. Em minha leitura, trata-se de uma chama semelhante à anunciada nos primeiros escritos de Aleixo (1982, p. 21), especificamente o *Oswaldiabrura* - “fogo na alma. O inferno também é quem para quem pode” -, que nos remete ao texto de Oswald de Andrade (1976), o *Manifesto Antropofágico*, e a necessidade de se consumir para produzir uma versão outra de si.

Por conseguinte, de acordo com Fanon (2020), essa negação, que assume o caráter fundante do para-si, remete à liberdade humana. Nessa perspectiva fanoniana, a liberdade antecede a ação, ou seja, não é porque eu ajo de maneira articulada com algum movimento político que sou livre, pelo contrário, é porque sou livre que posso agir em minha realidade. Assim, mais do que um status a ser possuído, a liberdade é condição inerente à humanidade: “o homem está condenado a ser livre” (SARTRE, 2013, p. 33).

Numa perspectiva existencial, essa zona de não-ser é o que possibilita não apenas o ressurgimento, bem como o surgimento da liberdade humana, pois é somente pelo nada que o ser do homem vem ao mundo. Isso porque, nesse sentido ontológico existencial, a concretude humana consiste em fazer-se. O *homem* se define enquanto se faz. Nesse viés, é possível produzir, através desse fazer-se, uma consciência reflexiva e crítica de si. Nesse sentido, uma máxima sartriana que se faz pertinente para esse debate é a de que, ao se tratar do humano, é “a existência precede a essência” (SARTRE, 2013, p. 23). Assim, a dimensão material da humanidade só existe na prática e por meio dela, isso é, a humanidade só é e será o que ela fizer de si mesma.

Assim, as visitas que realizamos à zona do não-ser que compõem, a princípio, a nossa existência é capaz de revelar as mais diversas possibilidades criativas dessa região e de extensões para além dela. Para Fanon (2020, p. 28), ao contrário dos processos bioquímicos, a sociedade “não escapa à influência humana. É pelo homem que a sociedade chega ao ser”.

A perspectiva fanoniana sobre essas visitas compartilha uma chama, resultante de uma explosão que não acontecerá hoje, por ser cedo ou tarde demais, mas que nos queima por dentro e fora, como o prelúdio de uma explosão subjetiva que queima no decorrer de seu livro

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

e em obras influenciadas por suas palavras. Destarte, esse cedo ou tarde demais ditos por Fanon (2020) demonstram um controle contínuo das forças e da necessidade de atçarmos, de maneira persistente, o homem para que alcancemos a explosão e um mundo que se construirá a partir das cinzas.

Tal como é possível inferir a partir das informações e da organização estética do poema *Poética*, de Aleixo (2018):



Figura 1 – *Poética*

Fonte: ALEIXO (2018, p. 79)

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

O poema do eu-lírico de Ricardo Aleixo parece constituir, através da forma das letras e sua disposição na página, um desenho que se assemelha a uma torre. Nessa estrutura, as palavras realizam movimentos que as reagrupam e desagrupam. Além disso, é no espaço entre as palavras, especificamente no centro, que encontramos um indício de que o eu-lírico parece considerar as ruínas como algo incompleto.

Nesse espaço, parece se manifestar uma análise curiosa e potencialmente criativa, que procura focos em que há a possibilidade de estruturar a partir do que não serve mais; ou melhor, a ruína, nesse poema, não aponta para o que caiu e não está mais presente ou para a impossibilidade de captarmos o passado e seus desdobramentos. *Poética* nos oferece caminhos. Pois, como foi explanado anteriormente, é da ruína, desse espaço em que nossos olhos não conseguem enxergar nada, que pode nascer a possibilidade de uma construção.

Em minha leitura, a ruína produz em si – ou tem em si produzida - a presença da ausência. Diante dessa ruína partilhada pelo eu-lírico e por outras em que é possível encontrarmos destroços, pilastras e colunas, apreciamos a edificação viva. Através do que ruiu, imaginamos o que não está presente e o que pode ser construído.

Dessa forma, neste sistema-mundo repleto de mentiras difundidas sobre este pretendo ser negro e que cada vez mais cai em chamas, nos deparamos apenas com os destroços do mundo, pedaços de Fanon e os nossos, tudo por termos tentado segurar as mãos de um sujeito que atirou-se em combustão em sua trajetória de vida. Dessarte, ao segurar nas mãos de Fanon em busca de compreensões sobre sua concepção de liberdade, senti o fogo que queima os seus textos. Em suma, sigo em frente com a neutralidade, a verdade, a pretensa superioridade, o silenciamento em combustão e a cremação das mentiras.

A urgência em denunciar a exclusão étnica e social e a ânsia de aprimorar a criação literária representam, para alguns escritores afro-brasileiros, uma angústia que se resolve entre a folha de papel e a militância política. Em outras palavras, esse escritor investe suas energias para conquistar uma dupla liberdade, que se expressa através do usufruto de seus direitos sociais como cidadão e de sua capacidade criativa como sujeito de sua arte. (PEREIRA, 2010, p. 333)

Dessa maneira, Fanon (2020) fala, na introdução de *Pele negra, máscaras brancas*, que o *sujeito* negro é condicionado a uma busca pela branquura, ou procurava embranquecer-se por meio da linguagem, através do relacionamento com a mulher branca ou com o homem branco e inúmeras outras formas, incontáveis máscaras. Todavia, essa tem de ser uma conduta que não nos caiba mais, haja vista que a construção das superações das condições de vida hostis só será viável através da busca pela descoberta, pelo sentido na identidade negra.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

A linguagem poética é uma das formas de exercer autonomia e reinventar-se, pois, nos dá caminhos para possuímos discursos sobre nós mesmos.

[...] Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade. [...] Este livro representa meio ânsia e tentativa de elaborar um gênero de conhecimento que viabilize a construção de um discurso negro sobre negro a emocionalidade e existência. [...] Ele é um olhar que se volta em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca. De classe e ideologia dominantes brancas. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas. (SOUZA, 1983, p. 17)

Além disso, é possível argumentar que a escrita poética nos impulsiona para um horizonte estratégico no qual ler e escrever faz romper com o tecido social que impõe condições materiais e subjetivas que limitam o acesso às palavras. Trata-se de um desejo que rompe as limitações de “onde não houve livro. Nem letra. Nem leitura”, mas “ainda assim se escreve” (KIFFER, 2019, p. 45). Trata-se de um fenômeno que nasce da urgência, pois se configura como “uma escrita que insiste, obriga e impele [...] uma escrita que se impõe de alguma forma [...] Essa escrita se guia por uma ambição de eficiência e pelo desejo de chegar a alcançar uma determinada realidade” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 11).

Como é dito por Edimilson de Almeida Pereira (2010, p. 340), a palavra poética

[...] reivindica a essencialidade do ser negro, por um lado, contesta os estigmas contra o negro, mas por outro, se depara com o desafio de não se tornar uma camisa-de-força ideológica, que obrigue todos os afrodescendentes a se exprimirem e a se identificarem com base num repertório fechado de expectativas.

Isso porque desenvolve e convoca a “uma prática literária e poética que denuncia as contradições da sociedade e sugere uma outra composição social, ou outro modo de vida historicamente construído e aberto à participação dos excluídos” (PEREIRA, 2010, p. 353). Assim, o eu-lírico de Aleixo parece atuar enquanto *sujeito* “motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 10), uma vez que aceita o risco da criação poética, o que se manifesta como desafio é apelo constante para reinventar tanto a própria poesia quanto o próprio sujeito que, no nosso sistema-mundo, vão sendo tecidos entre ruínas e assombros, entre semelhanças e diferenças.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

[...] essa linha poética, entre outros procedimentos, enfatiza o discurso que procura reverter o sentido pejorativo que a historiografia oficial atribuiu aos africanos e aos seus descendentes. Para reverter esse sentido pejorativo, o poeta estipula uma série de atitudes políticas, cuja ressonância social depende, em grande parte, da palavra através da qual são propostas essas atitudes. (PEREIRA, 2010, p. 339)

A palavra, nesse caso, especificamente nesse debate sobre reconhecimento, apresenta-se como um suporte ou força fundamental que, por um lado, analisa a sua própria estrutura, com aberturas para a possibilidade de o poeta e o leitor explorarem o discurso metalinguístico; e, por outro lado, volta-se para as bases e superestruturas da sociedade, que, por sua vez, refletem nos desdobramentos para a expansão dos limites e liberdades do *sujeito*.

Com essas articulações, constrói-se uma percepção de si, um modo de ser e estar no mundo em que o eu-lírico possibilita que o negro seja enunciado enquanto pessoa que é capaz de

[...] tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.

Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. [...] a construção de uma nova identidade é uma possibilidade que nos aponta esta dissertação, gerada a partir da voz de negros que, mais ou menos contraditória ou fragilmente, batem-se por construir uma identidade que lhes dê feições próprias, fundada, portanto, em seus interesses, transformadores da História - individual e coletiva, social e psicológica. (SOUZA, 1983, pp. 77-78)

Em síntese, como é dito pelo eu-lírico de Aleixo (2018, p. 195), “eu fui inventado pelos brancos. Que me temem mais que aos outros brancos”, em razão de sermos tanto o fator que os mantém em sua pretensa superioridade quanto por sermos o ponto do qual pode insurgir a reestruturação do mundo. Tal como completa o eu-lírico:

Eu não nasci negro.
Não sou negro todos os momentos do dia.
[...] Nos momentos em
que não sou só negro sou alguém
tão sem rumo quanto o mais sem
rumo dos brancos. Eu não sou
apenas o que você pensa que eu sou.
(ALEIXO, 2018, p. 195)

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Dessa maneira, Aleixo assume uma postura que confronta o nosso tempo, de modo semelhante ao que propõe Marina Tsvetaeva (2017):

Ser contemporâneo é criar o próprio tempo e não só refleti-lo. Refleti-lo, sim, mas não como um espelho, antes como um escudo. Ser contemporâneo é criar o próprio tempo, ou seja, lutar contra nove décimas partes desse tempo, como se luta contra nove décimas partes do primeiro rascunho. (p. 19)

Em suma, a poética de Aleixo, vinculada à denúncia das injustiças e à luta contra condições de vida adversas, assume o caráter de poesia social na medida em que sua produção passa a atuar como um dos possíveis meios para reconhecer e imaginar a necessidade e os caminhos de transformação da realidade e dos modos de existência desfavoráveis e limitantes para o que é inerente à humanidade, a liberdade de ser.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Referências

- ALEIXO, Ricardo. **Pesado demais para a ventania**: antologia poética. São Paulo: Todavia, 2018.
- ALEIXO, Ricardo. **Mundo Palavreado**. São Paulo: Peirópolis, 2013.
- BARBERO, Jesús-Martin. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2014.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 2010.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Editora UBU, 2020.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. **A disputa em torno de Frantz Fanon**: a teoria e a política dos fanonismos contemporâneos. São Paulo: Intermeios, 2020.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon**: um revolucionário particularmente negro. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.
- KIFFER, Ana. **Do desejo e devir**: as mulheres e o escrever. São Paulo: Lumme Editor, 2019.
- LISBÔA, Flávia Marinho. **Racismo linguístico e os indígenas Gavião na universidade: língua como linha de força do dispositivo colonial**. Salvador: EDUFBA, 2022.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. Pulsações da poesia brasileira contemporânea: o Grupo Quilombhoje e a vertente afro-brasileira. In: ALMEIDA, Edimilson de Almeida Pereira. **Um trigre na floresta de signos**: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada** – Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- SVETAeva, Marina. **O poeta e o tempo**. Belo Horizonte: Âyiné, 2017.

Recebido em: 04/04/2023

Aceito em: 25/04/2023

Publicado em: 30/09/2023

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

THE EXISTENCE OF THE BLACK AND THE LANGUAGE

Edinan Damasceno Carvalho
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
(damascenoedinan@outlook.com)

Joabson Lima Figueiredo
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
(jfigueiredo@uneb.br)

ABSTRACT

This study discusses the enunciation of the black, in an existentialist perspective, as a political act and as a device to open breaches and cultivate possibilities of counterattack to the forces of sub-humanization and death. Which systematically affect black bodies and condemn them to a way of existing without the right to dignity, just like an object. Thus, language is considered as a tool that contributes and enhances the efforts to think and resist, to communicate and denaturalize the violence of the bourgeois anti-Black State. The objective of this research is centered around the need to outline understandings about the way language enables the construction of the black, in addition to how the black subject modifies the language to make it circulate through other currents. For this, the study is developed around the notion of humanity present in *Pele Negra, Máscaras Brancas*, by Frantz Fanon (2020). This work is read here in the light of Fanonian existential questions, along with poems from *Pesado Demais para a Ventania* (2018), by Ricardo Aleixo.

Keywords: Contemporary Fanonisms; Anti-Black violence; Racialization; Language, Black enunciation.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

LA EXISTENCIA DEL NEGRO Y EL LENGUAJE

Edinan Damasceno Carvalho

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

(damascenoedinan@outlook.com)

Joabson Lima Figueiredo

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

(jfigueiredo@uneb.br)

RESUMEN

Este estudio discute la enunciación del negro, en una perspectiva existencialista, como acto político y como dispositivo para abrir brechas y desarrollar posibilidades de contraataque a las fuerzas de subhumanización y muerte, que afectan sistemáticamente a los cuerpos negros y los condenan a una forma de existir sin derecho a la dignidad, como algo abyecto. De esta forma, el lenguaje se utiliza como una herramienta que contribuye y potencia los esfuerzos para pensar y resistir, para exponer y desnaturalizar la violencia del Estado antinegro burgués. El objetivo de esta investigación se centra en la necesidad de bosquejar comprensiones sobre como el lenguaje posibilita la construcción del negro, además de como el sujeto negro modifica el lenguaje para hacerlo circular por otras corrientes. Para eso, este estudio se desarrolla a partir de la noción de humanidad presente en *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon (2020). La obra se lee aquí a la luz de las preguntas existenciales fanonianas, junto con los poemas de *Pesado Demais para a Ventania* (2018), de Ricardo Aleixo.

Palabras-clave: Fanonismos contemporáneos; Violencia antinegro; Racialización; Lenguaje; Enunciación de la persona negra.

Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-20	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>